


DO ORUM AO AYÊ

VOLUME 01



Publicação educativa para combate à
desinformação sobre religiões de matriz africana



A Casa São Lázaro é um Centro Cultural e Religioso de Matriz Africana. Localizado na região de Venda Nova, em Belo Horizonte, é referência na preservação e transmissão da tradição Jeje-Mahi.


Além da dimensão religiosa, desenvolve ações artísticas, culturais e sociais que fortalecem a identidade afro-brasileira por meio de oficinas, formações, vivências e ações de acolhimento comunitário. O trabalho é conduzido por Doté Márcio de Azansú, sacerdote com mais de 35 anos de atuação no candomblé.




O Observatório Participativo da Desinformação atua no combate à desinformação em territórios periféricos da Região Metropolitana de Belo Horizonte por meio de escuta ativa, formação de jovens, campanhas informativas e articulação comunitária.

Desde 2024, o projeto entrou em nova fase com o edital Periferia Sem Fake, apoiando iniciativas comunitárias diversas e fortalecendo estratégias criativas e territoriais de enfrentamento às fake news.

Siga a Casa São Lázaro e Observatório Participativo da Desinformação nas redes sociais:

 @casa.saolazaro

 @observatorioparticipa

Acesse a versão virtual desta publicação no site:
www.observatoriodesinformacao.org.br



A Casa São Lázaro apresenta a publicação “Do orum ao ayê”, produzida no âmbito do edital “Periferia Sem Fake”, com o objetivo de trazer informação de **qualidade e respeito das religiões de matriz africana no Brasil**.

Em 2025, fomos vítimas, por duas vezes, de violação em nosso espaço, em um ato claro de **intolerância religiosa**, que se repete em diversos locais de culto, sobretudo aqueles de matriz africana. Nossa resposta é afirmar a fé na liberdade religiosa, direito expresso na Constituição Federal.

Diante disso, apresentamos textos produzidos por integrantes da casa com esclarecimentos e informações para dissipar preconceitos e mentiras propagadas contra as religiões afro-brasileiras. Queremos que este material seja uma **ferramenta de combate ao racismo religioso** que ainda se faz presente no cotidiano do país.


Para além das atividades religiosas, a Casa São Lázaro entende seu papel social na **promoção dos valores de igualdade e justiça social**, na importância das religiões de matriz africana na formação cultural cidadã no Brasil e na luta contra toda forma de preconceito.

Esperamos que, ao longo das leituras e também da apreciação do projeto visual inspirado na obra de Abdias Nascimento, você encontre um novo olhar de valorização e respeito pelas nossas heranças culturais e religiosas.

Entre o Orum (céu) e Ayê (terra), não há espaço para fake news.

ÍNDICE

03	_____	Foto: Casa São Lázaro
05	_____	Desinformação e Racismo
07	_____	Entre o Orum e o Ayê
09	_____	Religiões de Matriz Africana no Brasil
11	_____	Limpeza e Abertura de Caminhos
13	_____	Casas de Axé em Venda Nova e Região
15	_____	Organizações e Entidades de Apoio
17	_____	Para se Aprofundar no Tema
19	_____	Minha História no Axé



Ikki Garzon é formada em Artes Visuais pela Casa dos Quadrinhos. Apaixonada por quadrinhos desde a infância, contribui para o projeto com seu talento visual. Além disso, é concept artist e autora das tirinhas Ugolino, Apolo e Os Dois.

Tatiane Coura é bacharel em Artes Visuais pela UFMG e especialista em Branding pela PUC Minas. Multidisciplinar, atua em projetos que atravessam o audiovisual, comunicação, direção criativa e storytelling. Além disso é diretora da web série: "A história não contada da música".

DESINFORMAÇÃO E RACISMO



O racismo e o preconceito religioso contra religiões de matriz africana partem da mesma causa: a colonização. A invasão feita pelos europeus na África e nas Américas partia de uma ideia dominante na Europa, de que os povos que não eram europeus, brancos ou cristãos não eram humanos. Eles eram vistos pelos colonizadores como seres inferiores e até animais.

Foi essa ideia que sustentou, por anos, as violências cometidas pelos colonizadores contra os nativos africanos e americanos. Ou seja, a escravização e genocídio desses povos só foi possível pois eles não eram vistos como pessoas ou mesmo seres dignos de desfrutarem de uma vida social com direitos e deveres.

Nesse contexto surge o racismo, uma ideia que separa os humanos por variações de aparência que se agrupam em raças, uma designação criada para catalogar os humanos como animais e destituí-los de humanidade.

O preconceito religioso com religiões afro-brasileiras — como o candomblé, a umbanda, o batuque, o tambor de mina e o omoloko —, ou racismo religioso, surge da tentativa de apagamento cultural e religioso dos cultos africanos durante a colonização europeia e escravização africana no Brasil.

O cristianismo católico era a religião oficial da colônia brasileira, sendo assim, os negros e indígenas escravizados eram proibidos de cultuar suas dividades, e suas formas de culto encaradas como feitiçaria ou algo maléfico. Desse modo, as religiões e religiosidades africanas sobreviviam na marginalidade, tendo seus preceitos passados de forma oral e sendo cultuadas em segredo.

Em 1889, com a Proclamação da República, o estado brasileiro passou a ser laico, isto é, a Igreja Católica deixou de ser a religião oficial. E, ainda assim, os cultos de origem africana seguiram marginalizados. Situação que não se alterou muito mesmo após o Estado reconhecer essas religiões como legítimas em 1988 (artigos 215 e 216 da Constituição Federal).





“ 76% dos terreiros afirmaram já ter sofrido racismo religioso, entre agressões verbais, físicas e depredações.

Retrato disso é o preconceito constante que praticantes dessas religiões sofrem diariamente, sendo agredidos e acusados de praticar magia, perversão moral e profanação.

Dados da pesquisa “Respeite meu terreiro”, realizada pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, em parceria com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), mostram que 76% dos terreiros participantes afirmaram já ter sofrido algum tipo de racismo religioso, entre agressões verbais, físicas e depredações.

Assim como na colonização, mentiras e ataques sobre as religiões de matriz africana continuam sendo contadas e

espalhadas, gerando desinformação sobre o tema.

Agora, essas mentiras circulam não só em documentos e no boca a boca, mas nas redes sociais, em vídeos e notícias falsas na internet, retratando os cultos sempre como malditos, profanos, perigosos, obscuros, gerando mais violência, ódio e perseguição contra os povos de terreiros.



Quer saber mais?
Escaneie e confira as fontes deste artigo!

ENTRE O ORUM E O AYÊ NÃO HÁ

Umbanda e candomblé são a mesma coisa

Falso! Ambas são religiões afro-brasileiras, mas possuem cultos e ritos diferentes. O Candomblé mantém rituais, línguas e divindades diretamente ligados às tradições africanas, como o culto aos Voduns, Orixás e Inquices. Já a Umbanda é uma religião que surgiu no Brasil e que reúne influências indígenas, kardecistas e católicas, além das africanas. A Umbanda cultua entidades como Caboclos e Boiadeiros, Preto-Velhos, Erês e Exus.

Macumba é uma religião

Falso! Macumba é o nome de um instrumento musical africano. Com o passar do tempo, o termo foi usado de forma preconceituosa para se referir às religiões afro-brasileiras e alguns de seus ritos, como as oferendas. O termo tem sido ressignificado mas ainda é visto como ofensivo por muitas pessoas.

O Candomblé cultua o mal e o diabo

Falso! O diabo é uma figura presente nas religiões cristãs para representar o mal. Nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, são cultuadas divindades ligadas à natureza e à ancestralidade. A ideia do Candomblé como “culto ao diabo” surgiu durante o período colonial, quando missionários cristãos europeus passaram a interpretar as divindades africanas a partir dos conceitos do cristianismo, associando essas religiões de forma equivocada ao mal. O Candomblé valoriza a ética, o respeito à natureza e a ancestralidade, o cuidado com a comunidade e a prática da caridade.

Exu é o diabo

Falso! No Candomblé e na Umbanda, Exu é uma divindade ligada à comunicação, aos caminhos, ao movimento e também à mediação entre o mundo espiritual e humano. A associação de Exu com o diabo foi criada de forma equivocada por missionários e colonizadores europeus, que tentaram interpretar as divindades africanas a partir de conceitos cristãos.

ESPAÇO PARA DESINFORMAÇÃO

As religiões de matriz africana fazem sacrifícios de animais

Verdadeiro! É preciso ter cuidado, porém, com o uso e interpretação do termo “sacrifício”. Alguns rituais envolvem a preparação de alimentos, incluindo animais, que são servidos para as pessoas que compartilham do axé. Assim como uma família desfruta de um frango assado aos domingos.

Mas a prática em ritos religiosos também é observada em outras religiões, como o Judaísmo, como pontuou o doutor em Direito pela PUC-SP Hédio da Silva Jr, durante sua sustentação oral no julgamento do STF que decidiu que o sacrifício de animais em cultos religiosos é constitucional.

O uso desse argumento apenas para religiões afro-brasileiras perpetua o racismo religioso que seus fiéis enfrentam desde o Brasil colônia.

Incorporação é fingimento

Falso! As religiões de matriz africana acreditam que divindades ou entidades podem se manifestar durante seus rituais por meio de médiuns. Esse fenômeno, chamado de incorporação, faz parte da fé dessas religiões e não deve ser questionado. Os estados de transe são, inclusive, objeto de vários estudos acadêmicos e geram manifestações físicas, como sudorese ou hipotermia.

Racismo religioso é crime

Verdadeiro! As religiões afro-brasileiras são protegidas pela Constituição Federal, que garante liberdade de crença e culto. Além disso, a Lei nº 7.716/1989 define que a discriminação ou preconceito por religião é crime.

Isso inclui ofender, impedir práticas, atacar terreiros, destruir objetos sagrados ou discriminar os praticantes dessas religiões. Em 2010, foi aprovado o Estatuto da Igualdade Racial que reforça a proteção às religiões de matriz africana, reconhecendo sua importância histórica e cultural.

As religiões afro-brasileiras são o coração de uma resistência histórica no Brasil. Elas nasceram da adaptação e da preservação dos costumes de diversos povos africanos que foram trazidos para cá. Mais do que crenças, elas representam uma forma de ver o mundo, respeitar a natureza e honrar os antepassados.

RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

O Candomblé e suas “Nações”

O Candomblé é como uma árvore com várias raízes. Cada “Nação” representa a região da África de onde vieram seus antepassados, preservando idiomas e rituais específicos. No Brasil, temos três nações principais:

Ketu (Iorubá): a nação mais difundida. Cultua os Orixás e utiliza a língua iorubá. Tem origem na região onde hoje ficam a Nigéria e o Benin.

Angola (Bantu): originária dos povos de língua quimbundo e umbundo (Angola e Congo). Cultua os Inquices. É conhecida pela musicalidade marcante e forte ligação com os espíritos dos antepassados.

Jeje (Ewe-Fon): vinda do antigo Reino do Daomé (hoje Benin). Cultua os Voduns e é conhecida pela disciplina rigorosa e rituais de dança muito característicos.



Umbanda

Nascida no Brasil, a Umbanda mistura elementos do Candomblé, do Catolicismo e do Espiritismo, focando na caridade.

Linhas de Trabalho: trabalha com “Guias” que representam figuras da formação do Brasil, como Pretos-Velhos, Exus e o Caboclos.

Atendimento Fraterno: o “passe” é um momento em que a entidade conversa diretamente com o público, oferecendo conselhos e limpeza espiritual gratuita.

Culto da Jurema (Jurema Sagrada)

Uma tradição do Nordeste que guarda o segredo das matas e a ancestralidade dos povos originários.

Ciência das Ervas: utiliza a árvore da Jurema para preparar uma bebida sagrada que conecta os fiéis ao “Mundo dos Encantados”.

Mestres e Mestras: trabalha com “Mestres”, espíritos de pessoas que viveram no sertão ou litoral e alcançaram sabedoria (como o Mestre Zé Pilintra).

Candombe

Tradição de Minas Gerais, ligada às comunidades quilombolas e às festas de Reinado.

Tambores Sagrados: o culto gira em torno de três tambores principais (Santana, Guiné e Yerere), considerados seres vivos que “falam” pelo ritmo.

Cantos de Visitação: os praticantes realizam procissões onde os cantos (chamados de “visas”) narram a história de resistência do povo negro.

Tambor de Mina

Muito forte no Maranhão e no Pará, possui uma organização espiritual única. Além das divindades africanas, recebe “Encantados” — seres que não morreram, mas se “encantaram” na natureza (como a Família Real da Turquia).

Toque do Abatá: utiliza tambores horizontais (abatás) e matracas, criando uma sonoridade vibrante e muito diferente de outras regiões.

Batuque

A principal tradição de matriz africana no Rio Grande do Sul, com uma organização familiar rigorosa. É famoso pela riqueza de sua culinária sagrada.

Cada Orixá tem pratos específicos servidos em grandes banquetes comunitários. Os terreiros costumam funcionar dentro das casas das próprias famílias, criando redes de apoio nos bairros.



LIMPEZA E ABERTURA DE CAMINHOS

Esse banho leva ervas frescas. Caso você não tenha as plantas à disposição para colheita, é possível comprá-las em casas de ervas, sacolões ou supermercados.

O **manjeriço** está associado à **prosperidade e equilíbrio**.

O **alecrim** à **clareza e firmeza**, enquanto a **hortelã** representa **renovação e leveza**.

Combinadas, **essas ervas produzem um banho** doce e perfumado, **usado para limpeza, firmeza espiritual e axé contínuo**.



Ingredientes:

1 ramo de manjeriço,
1 ramo de alecrim,
1 ramo de hortelã,
1 litro de água

Modo de preparo:

Coloque as ervas num recipiente com a água em temperatura ambiente. Macere ou esfregue as ervas umas contra as outras e contra suas mãos até a água ficar esverdeada. Enquanto macera, **vá fazendo os pedidos de prosperidade e abertura de caminhos**.

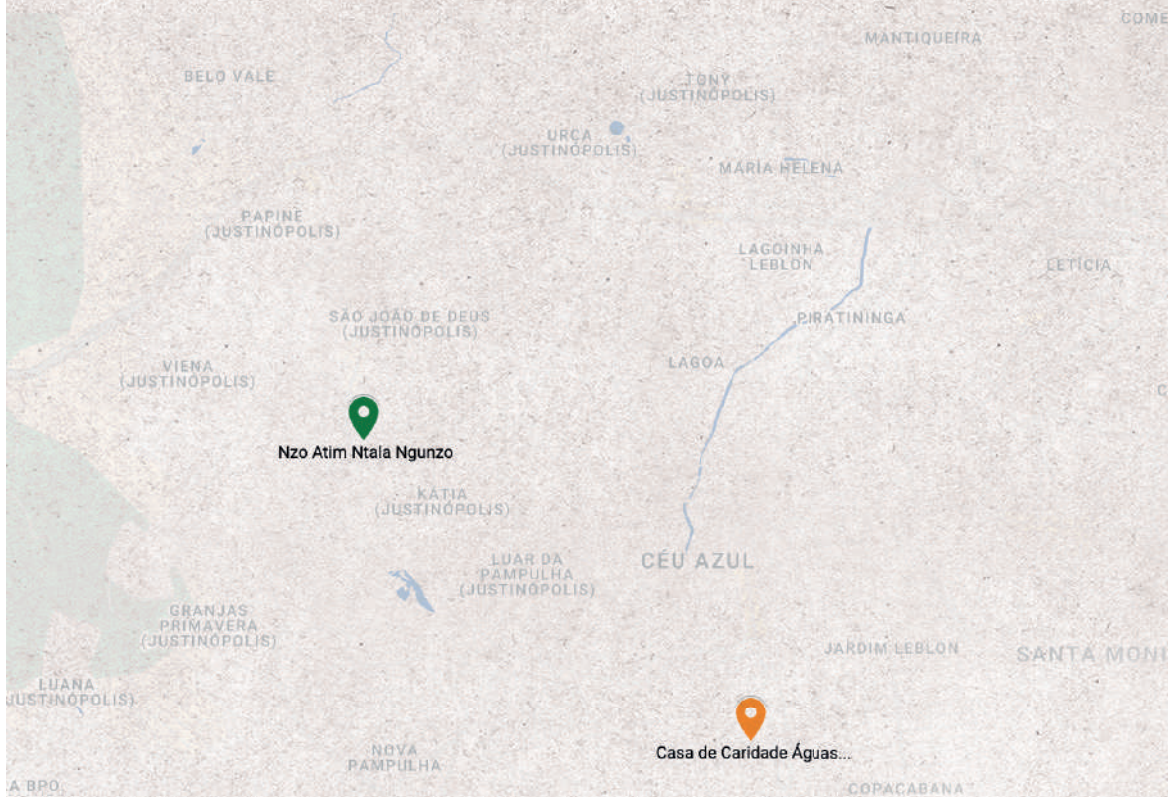
Coe e descarte as folhas maceradas.

Após tomar seu banho convencional, jogue a água das ervas da cabeça aos pés, sempre mentalizando seus pedidos.

Não se seque com a toalha. O banho precisa ser absorvido pela sua pele. Dê preferência a roupas claras e evite ingerir carne vermelha e bebidas alcoólicas no dia que tomar esse banho.




OUTRAS CASAS DE AXÉ EM




Nzo Atim Ntala Ngunzo

Zelador: Tatet'u dya Nkisi Talaomin
R. Leblon B, 59 - Justinópolis / Ribeirão das Neves

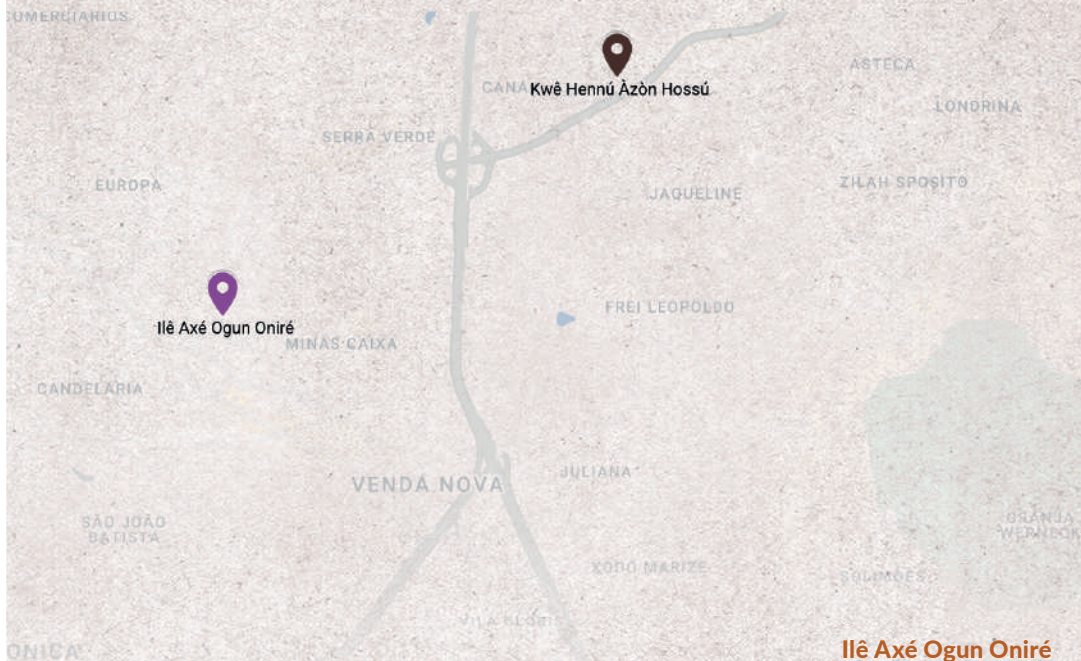
 @nzo.atimntalangunzo

Casa de Caridade Águas de Oxum


Zeladora: Yalorixá Luciana Márcia
Rua Rad. Lúcio Silveira, 48 - Céu Azul

 @casaaguasdeoxum


VENDA NOVA E REGIÃO




Ilê Axé Ogun Oniré

Zelador: Babá Eduardo Valerio
Rua Baco, 316, Cenáculo - Venda Nova
 eduardovalerio1109@gmail.com

Centro espírita pai Guiné de Aruanda

Zeladora: Adriana dos Santos Silva Quintão
Rua Agílio Monteiro, 64 - Goiânia
 [@casapaiguinedearuanda](https://www.instagram.com/casapaiguinedearuanda)

Associação Cultural Comunidade São Lázaro - Kwê Hennú Àzòn Hossú

Zelador: Dotê Diogo Oyási
Rua Geraldo Teixeira da Costa, 0275 - São Benedito / Santa Luzia
 [@kwe_hennu_azon_hossu](https://www.instagram.com/kwe_hennu_azon_hossu)

ORGANIZAÇÕES E ENTIDADES DE APOIO AOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DE TERREIRO



Os povos e comunidades tradicionais de terreiro contam com organizações da sociedade civil e órgãos do poder público, nas esferas municipal, estadual e federal, que atuam na representação, defesa de direitos, formulação, acompanhamento e fiscalização de políticas públicas, além da preservação do patrimônio cultural e do enfrentamento ao racismo religioso.

CENARAB **Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-brasileira**

Entidade nacional representativa das religiões de matriz africana, que atua na defesa da liberdade religiosa, no enfrentamento ao racismo religioso e na articulação com o Estado para a construção e o monitoramento de políticas públicas voltadas aos povos de terreiro.

www.cenarab.org.br

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Órgão federal responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro. Atua no reconhecimento, registro e tombamento de terreiros e de bens culturais materiais e imateriais relacionados às tradições afro-brasileiras.

www.gov.br/iphan

Diretoria de Políticas de Reparação e Promoção da Igualdade Racial

Órgão da Prefeitura de Belo Horizonte responsável por formular, articular e acompanhar políticas públicas de promoção da igualdade racial, incluindo ações voltadas às comunidades tradicionais de terreiro e ao combate ao racismo religioso no município.

<https://prefeitura.pbh.gov.br/direitos-humanos/politicas/igualdade-racial>



Federação de Umbanda e Candomblé de Minas Gerais

Entidade que representa casas de Umbanda e Candomblé em Minas Gerais, oferecendo apoio institucional, orientação jurídica e religiosa, além de atuar na defesa de direitos e no diálogo com o poder público estadual e municipal.

https://www.instagram.com/feumc_mg/

Fundação Cultural Palmares

Fundação pública criada pelo governo brasileiro em 1988, vinculada ao Ministério da Cultura, com o objetivo de promover e preservar a cultura afro-brasileira e valorizar a contribuição da população negra na formação da sociedade brasileira.

www.gov.br/palmares

Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (Renafro)

A Rede foi criada em 2003 com o objetivo de valorizar e potencializar o saber dos povos de terreiros em relação à saúde; estimular práticas de promoção da saúde; monitorar e intervir em políticas públicas relacionadas ao tema e legitimar lideranças de terreiros enquanto detentores de saberes e poderes.

É considerada uma instância de articulação da sociedade civil que envolve adeptos da tradição religiosa afro-brasileira, gestores e profissionais de saúde, integrantes de organizações não-governamentais, pesquisadores e lideranças do movimento negro.

www.renafrosaudecom.wordpress.com

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

Livros

Mitologia dos orixás: organização das nações e mitos
Reginaldo Prandi

As religiões africanas no Brasil
Roger Bastide

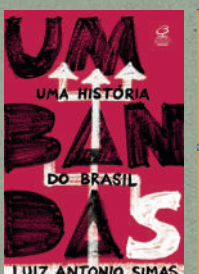
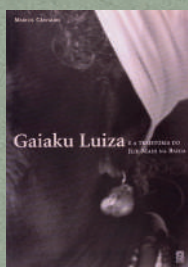
Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo
Pierre Verger

Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras
Raul Lody

Umbandas: uma história do Brasil
Luiz Antonio Simas

Gaiaku Luiza e a trajetória do Jeje-Mahi na Bahia
Marcos Carvalho

Inventários sobre o Tambor de Mina e o Candombe
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)



Filmes

Disponíveis no YouTube



Atlântico Negro - Na Rota dos Orixás



Eduardo Coutinho - Santo Forte



Nunes Pereira - Egungun Itaparica Bahia

Podcasts

Disponíveis nas plataformas de áudio



Podcast com Vovó Cici



Axé das Plantas



MINHA HISTÓRIA

Meu nome de batismo é Márcio Ferreira de Sá, conhecido dentro do Axé como "Hungbono Márcio de Azansú". Nasci em 02 de setembro de 1968, em uma família católica apostólica romana, e assim segui até a perda da minha mãe, quando eu tinha 8 anos de idade.

Após sua partida, eu e minhas duas irmãs fomos morar na casa de parentes, passando a frequentar, por imposição, igrejas neopentecostais. Prefiro nem relatar as atrocidades vividas nesse período.

Aos 16 anos, conheci alguns amigos que comentaram sobre um centro espírita no bairro Serra Verde, dirigido por minha Avó de Santo, Dona Celma de Oyá, da nação Angola Banto. Com muito receio e medo, impostos pelas pessoas que diziam ser ali lugar de culto ao diabo, tive grande resistência em conhecer.

Até que, certo dia, comecei a ter vários sonhos, muito reais: eu estava de branco, rodando e caindo em um buraco cheio de lama; em outros, dançava debaixo de chuva, com raios e trovões. Comentei com esses amigos, e eles me disseram na hora:

"Isso é um chamado. Vamos lá, não vai acontecer nada." E assim fui.

Nesse dia estava tocando Umbanda para Pretos Velhos. Sentei-me nos fundos e lembro muito bem que aquelas cantigas, os Pretos e Pretas Velhas que ali estavam, me emocionaram profundamente — não parei de

DE VIDA DENTRO DO AXÉ

chorar. Até que se levantou Mãe Maria dos Três Pilões, veio até mim e disse: “Nunca mais você vai sofrer e nem chorar, meu filho.”

Ele me abraçou com um carinho que eu nunca tinha sentido de meus pais ou de qualquer outra pessoa até aquele momento.

Passei a frequentar escondido da família até completar 18 anos, quando então deitei para fazer meu santo, com um filho de minha avó, Tateto Ronaldo de Oxalá, em novembro de 1989. Fui feito em Omolu, mas naquela época, um sacerdote da nação Jeje me disse:

“Meu filho, você é de Azansú. Este santo é do Jeje-Mahi.”

Fiquei assustado, sem entender nada — eu era leigo e pouco conhecia sobre as nações do Candomblé. Com o passar do tempo, conheci a nação Ketu e várias outras ramificações.

No ano de 1991, conheci o Rungbôno João de Oyá, do Rumpame Ayono Azôm Negy, com quem estreitei laços e migrei para o Jeje-Mahi, minha atual nação, onde tomei minhas obrigações e estou até hoje, com as bênçãos dos Voduns.

Há 12 anos venho formando uma família abençoada de Axé. No início, as reuniões eram em minha casa para pequenos rituais; com o crescimento, precisei mudar para um espaço maior.

Hoje somos uma grande família de Axé, em movimento para expandir cada vez mais o conhecimento da nossa tradição. Nossa casa se chama: Centro Cultural e Religioso de Matriz Africana São Lázaro. Ou Casa São Lázaro, para os mais chegados.



DO ORUM AO AYÊ

Do Orum ao Ayê

1ª Edição

abril/2026

Autoria

Doté Márcio de Azansú

Gustavo Oliveira

Jeanne Maron

Jessika Viveiros

Johnny Gonçalves

Pedro Rocha

Rafael Luiz

Ravik Oliveira

Vinicius Luiz

Artistas Fotografados

Artur Gomes Pereira

Gustavo Oliveira

Jéssica Sabrina

Josh Siqueira

Rúbia Cassiana

Revisão Textual

Jessika Viveiros

Vinicius Luiz

Contribuições

Emanuela São Pedro

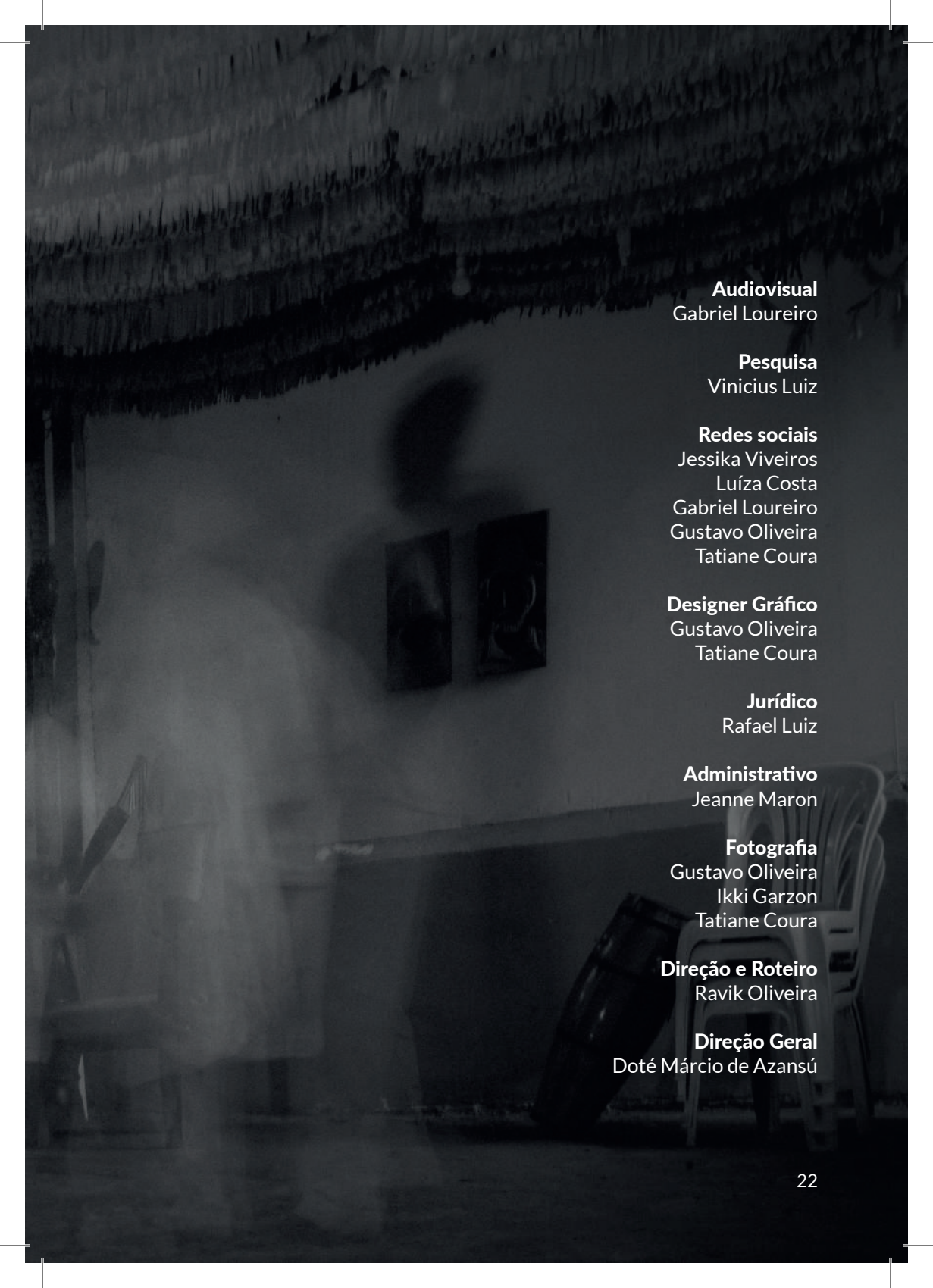
Daniel Dorledo

Juliano Canedo

Produção Executiva

Ravik Oliveira





Audiovisual
Gabriel Loureiro

Pesquisa
Vinicius Luiz

Redes sociais
Jessika Viveiros
Luíza Costa
Gabriel Loureiro
Gustavo Oliveira
Tatiane Coura

Designer Gráfico
Gustavo Oliveira
Tatiane Coura

Jurídico
Rafael Luiz

Administrativo
Jeanne Maron

Fotografia
Gustavo Oliveira
Ikki Garzon
Tatiane Coura

Direção e Roteiro
Ravik Oliveira

Direção Geral
Doté Márcio de Azansú

ISBN: 978-65-01-97705-8

CD



9 786501 977058

REALIZAÇÃO



CASA SÃO LÁZARO
CENTRO CULTURAL E RELIGIOSO
DE MATRIZ AFRICANA SÃO LÁZARO

APOIO



OBSERVATÓRIO
PARTICIPATIVO
DA DESINFORMAÇÃO



AIC
Agência de
Iniciativas Cidades

AGRADECIMENTOS

Higor Barreto - HB Audiovisual

Essa publicação foi realizada a partir do edital Periferia Sem Fake,
do Observatório Participativo da Desinformação.

2026